

Lista de obras literárias do PAS 1 (subprograma 2026-2028)

A Epopeia de Gilgamesh

Anônimo

file:///C:/Users/USER/Downloads/A%20hist%C3%B3ria%20de%20Gilgamesh,%20rei%20de%20Uruk%20-%20Rosana%20Rios%20-%20SM%20(1).PDF

Senhora minha, desde que vos vi

Afonso Fernandes

Senhora minha, desde que vos vi,
lutei para ocultar esta paixão
que me tomou o coração;
mas não o posso mais e decidi
que saibam todos o meu grande amor,
a tristeza que tenho, a imensa dor
que sofro desde o dia em que vos vi.

Quando souberem que por vós sofri
tamanha pena, pesa-me, senhora,
que por vossa crueza padeci,
eu que sempre vos quis mais que ninguém,
e nunca me quisestes fazer bem,
nem ao menos saber o que eu sofri.
E quando eu vir, senhora, que o pesar
que me causais me vai levar a morte,
direi, chorando minha triste sorte:
“Senhor, por que me vão assim matar?”
E, vendo-me tão triste e sem prazer,
todos, senhora, irão compreender
que só de vós me vem este pesar.

Já que assim é, eu venho vos rogar
que queiras pelo menos consentir
que passe a minha vida a vos servir,
e que possa dizer em meu cantar
que esta mulher, que em seu poder me tem,
sois vós, senhora minha, vós, meu bem;
graça maior não ousarei rogar.

Estas noites longas que Deus fez num grave dia

Juíão Bolseiro

Estas noites tão longas que Deus fez num grave dia
para mim, que não as durmo, por que não as fazia
no tempo em que meu amigo
costumava falar comigo?

Porque Deus as fez tão grandes, não posso eu dormir, coitada,
e como são imensas, eu as quisera noutra época,
no tempo em que meu amigo
costumava falar comigo.

Porque Deus as fez tão grandes, sem medida desiguais,
e eu dormi-las não posso, por que não as fez
no tempo em que meu amigo
costumava falar comigo?

Dom Fulano, que eu sei que tem fama de covarde

Dom Afonso Mendes de Besteiros

Dom Fulano, que eu sei
que tem fama de covarde,
vejam o que fez durante a guerra
– disto estou certo:
logo que viu os cavaleiros mouros,
como boi ferroadado por moscão,
sacudiu-se e remexeu-se,
levantou o rabo e fugiu para Portugal.

Dom Fulano, que eu sei
que tem fama de leviano,
vejam o que fez durante a guerra
– disto estou certo:
logo que viu os cavaleiros mouros,
como um bezerro novo,
sacudiu-se e remexeu-se,
levantou o rabo e fugiu para Portugal.

Dom Fulano, que eu sei
que tem fama de medroso,
vejam o que fez durante a guerra
– saibam que é verdade:
logo que viu os cavaleiros mouros,
como um cão que sai da corrente,
sacudiu-se e remexeu-se,
levantou o rabo e fugiu para Portugal.

Maria Peres se confessou dia desses

Fernão Velho

Maria Peres se confessou dia desses,
pois sentiu-se pecadora
e logo Nosso Senhor prometeu,
pelos pecados que cometeu,
que tivesse um clérigo sob sua proteção,
pelos pecados que o demônio lhe fez cometer,
e com quem ela sempre andou.

Confessou-se, porque diz que se
achou muito pecadora,
porém, rogadora foi logo a Deus,
pois antes guardar a Deus do que ao demo.
E enquanto viva diz que quer ter um clérigo,
com quem possa se defender
do demo, que sempre a guardou.

E depois que viu bem seus pecados,
Ela teve muito medo de sua morte
e teve muito prazer em pedir esmolas.
E logo então um clérigo arranjou
e deu-lhe a cama em costumava dormir só.
E diz que o manterá enquanto viver,
o que fará enquanto filha de Deus for.

E depois que este pacto começou
entre ambos houve grande amor
para sempre maior do que o amor
que havia entre ela e o demônio,
até que Balteira se confessou.
Mas depois que o demônio viu cair o clérigo
entre ambos, o demônio ficou a perder,
a partir do momento em que ela se confessou

Bendito seja o dia, o mês, o ano

Francesco Petrarca

Bendito seja o dia, o mês, o ano,
A sação, o lugar, a hora, o momento,
E o país de meu doce encantamento
Aos olhos de lume soberano.

E bendito o primeiro doce afano
Que tive ao ter de Amor conhecimento
E o arco e a seta a que devo o ferimento,
Aberta a chaga em fraco peito humano.

Bendito seja o mísero lamento
Que pela terra em vão hei dispersado
E o desejo e o suspiro e o sofrimento.

Bendito seja o canto sublimado
Que a celebra e também meu pensamento
Que na terra não tem outro cuidado.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

Luís de Camões

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Ao desconcerto do mundo

Luís de Camões

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E, para mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado:
Assim que, só para mim,
Anda o mundo concertado.

Soneto XVIII

William Shakespeare

Comparar-te com um dia de verão?
Tens mais doçura e mais amenidade:
Flores de maio, ao vento rude vão
Como o estio se vai, com brevidade:

O sol às vezes em calor se exalta
Ou tem a essência de ouro sem firmeza
E o que é formoso, à formosura falta,
Por sorte ou por mudar-se a natureza.

Mas teu verão eterno brilha a ver-te
Guardando o belo que em ti permanece.
Nem a morte rirá de ensombrecer-te,
Quando em verso imortal, no tempo cresces.

Enquanto o homem respire, o olhar aqueça,
Viva o meu verso e a vida te ofereça.

Carta a El-Rei Dom Manoel sobre o achamento do Brasil

Pero Vaz de Caminha

(Trechos selecionados)

Trecho 1

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que — para o bem contar e falar —, o saiba fazer pior que todos. Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para alindar nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Trecho 2

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro.

Então lançamos fora os batéis e esquifes, e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão mor, onde falaram entre si.

E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens.

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijamente sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

Trecho 3

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobre-pente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas.

Trecho 4

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha, quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes a água em uma albarrada. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas dera.

Então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem buscarem maneira de cobrirem suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas. O Capitão lhes mandou pôr por baixo das cabeças seus coxins; e o da cabeleira esforçava-se por não a quebrar. E lançaram-lhes um manto por cima; e eles consentiram, quedaram-se e dormiram.

Ao sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e alta de seis a sete braças. Entraram todas as naus dentro; e ancoraram em cinco ou seis braças – ancoragem dentro tão grande, tão formosa e tão segura, que podem abrigar-se nela mais de duzentos navios e naus. E tanto que as naus quedaram ancoradas, todos os capitães vieram a esta nau do Capitão-mor. E daqui mandou o Capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas, e isto depois que fez dar a cada um sua camisa nova, sua carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços, seus cascavéis e suas campainhas. E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. (...)

Então se começaram de chegar muitos. Entravam pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam; traziam cabaços de água, e tomavam alguns barris que nós levávamos: enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis. Não que eles de todos chegassem à borda do batel. Mas junto a ele, lançavam os barris que nós tomávamos; e pediam que lhes dessem alguma coisa. Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas. E a uns dava um cascavel, a outros uma manilha, de maneira que com aquele engodo quase nos queriam dar a mão. Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que homem lhes queria dar. Dali se partiram os outros dois mancebos, que os não vimos mais.

Muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam ali traziam aqueles bicos de osso nos beiços. E alguns, que andavam sem eles, tinham os beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha; outros traziam três daqueles bicos, a saber, um no meio e os dois nos cabos. Aí andavam outros, quartejados de cores, a saber, metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, a modos de azulada; e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos mui pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha. (...) E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. Nenhum deles era fanado, mas, todos assim como nós. E com isto nos tornamos e eles foram-se.

Trecho 5

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esperável, e dentro dele um altar mui bem corregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

Trecho 6

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.

E portanto, se os degradedos, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.

Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim. Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que

aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Neste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus.

Trecho 7

Esta terra, Senhor (...) de ponta a ponta, é toda praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

(...)

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra vi. E se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, pois o desejo que tinha de tudo vos dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que, assim neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa que de vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer graça especial, mandar vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro – o que d'Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

O poeta na sua última hora de vida

Gregório de Matos

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,
Porém, pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar

Aos vícios

Gregório de Matos

Eu sou aquele que os passados anos
Cantei na minha lira maldizente
Torpezas do Brasil, vícios e enganos.

E bem que os descantei bastante,mente,
Canto segunda vez na mesma lira
O mesmo assunto em plectro diferente.

Já sinto que me inflama e que me inspira
Talía, que anjo é da minha guarda
Des que Apolo mandou que me assistira.

Arda Baiona, e todo o mundo arda,
Que a quem de profissão falta à verdade
Nunca a dominga das verdades tarda.

Nenhum tempo excetua a cristandade
Ao pobre pegureiro do Parnaso
Para falar em sua liberdade

A narração há de igualar ao caso,
E se talvez ao caso não iguala,
Não tenho por poeta o que é Pégaso.

De que pode servir calar quem cala?
Nunca se há de falar o que se sente?!
Sempre se há de sentir o que se fala.

Qual homem pode haver tão paciente,
Que, vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire e não lamente?

Isto faz a discreta fantasia:
Discorre em um e outro desconcerto,
Condena o roubo, increpa a hipocrisia.

O néscio, o ignorante, o inexperto,
Que não elege o bom, nem mau reprova,
Por tudo passa deslumbrado e incerto.

E quando vê talvez na doce treva
Louvado o bem, e o mal vituperado,
A tudo faz focinho, e nada aprova.

Diz logo prudentaço e repousado:
– Fulano é um satírico, é um louco,
De língua má, de coração danado.

Néscio, se disso entendes nada ou pouco,
Como mofas com riso e algazaras
Musas, que estimo ter, quando as invoco?

Se souberas falar, também falaras,
Também satirizaras, se souberas,
E se foras poeta, poetizaras.

A ignorância dos homens destas eras
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,
Que a mudez canoniza bestas feras.

Há bons, por não poder ser insolentes,
Outros há comedidos de medrosos,
Não mordem outros não - por não ter dentes.

Quantos há que os telhados têm vidrosos,
e deixam de atirar sua pedrada,
De sua mesma telha receosos?

Uma só natureza nos foi dada;
Não criou Deus os naturais diversos;
Um só Adão criou, e esse de nada.

Todos somos ruins, todos perversos,
Só os distingue o vício e a virtude,
De que uns são comensais, outros adversos.

Quem maior a tiver, do que eu ter pude,
Esse só me censure, esse me note,
Calem-se os mais, chitom, e haja saúde.

Aos caramurus da Bahia

Gregório de Matos

Um calção de pindoba, a meia zorra
Camisa de urucu, mantéu de arara,
Em lugar de cotó arco e taquara
Penacho de guarás em vez de gorra.

Furado o beijo, e sem temor que morra
O pai, que lho envasou c'uma titara
Porém a Mãe a pedra lhe aplicara
Por reprimir-lhe o sangue que não corra.

Alarve sem razão, bruto sem fé,
Sem mais leis que a do gosto, quando erra
De Paiaíá tornou-se em abaité.

Não sei onde acabou, ou em que guerra:
Só sei que deste Adão de Massapé
Procedem os fidalgos desta terra.

O poeta muda o soneto pela terceira vez

Gregório de Matos

Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
E na rosada face a Aurora fria.

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria.

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o zenith da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
É cada dia ocaso da beldade.

Sermão do Bom ladrão

Padre Antônio Vieira

(Trechos selecionados)

Trecho 1

Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum: Hodie mecum eris in Paradiso.

Este sermão, que hoje se prega na Misericórdia de Lisboa, e não se prega na Capela Real, parecia-me a mim que lá se havia de pregar, e não aqui. Daquela pauta havia de ser, e não desta. E por quê? Porque o texto em que se funda o mesmo sermão, todo pertence à majestade daquele lugar, e nada à piedade deste. Uma das coisas que diz o texto é que foram sentenciados em Jerusalém dois ladrões, e ambos condenados, ambos executados, ambos crucificados e mortos, sem lhes valer procurador nem embargos. Permite isto a misericórdia de Lisboa? Não. A primeira diligência que faz é eleger por procurador das cadeias um irmão de grande autoridade, poder e indústria, e o primeiro timbre deste procurador é fazer honra de que nenhum malfeitor seja justificado em seu tempo. Logo esta parte da história não pertence à Misericórdia de Lisboa. A outra parte — que é a que tomei por tema — toda pertence ao Paço e à Capela Real. Nela se fala com o rei: *Domine*; nela se trata do seu reino: *cum veneris in regnum tuum*; nela se lhe apresentam memoriais: *memento mei*; e nela os despacha o mesmo rei logo, e sem remissão, a outros tribunais: *Hodie mecum eris in Paradiso*. O que me podia retrair de pregar sobre esta matéria, era não dizer a doutrina com o lugar. Mas deste escrúpulo, em que muitos pregadores não reparam, me livrou a pregação de Jonas. Não pregou Jonas no paço, senão pelas ruas de Nínive, cidade de mais longes que esta nossa, e diz o texto sagrado que logo a sua pregação chegou aos ouvidos do rei: *Pervenit verbum ad regem* (Jon. 3,6). Bem quisera eu que o que hoje determino pregar chegara a todos os reis, e mais ainda aos estrangeiros que aos nossos. Todos devem imitar ao Rei dos reis, e todos têm muito que aprender nesta última ação de sua vida. Pediu o Bom Ladrão a Cristo que se lembrasse dele no seu reino: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum*. E a lembrança que o Senhor teve dele foi que ambos se vissem juntos no Paraíso: *Hodie mecum eris in Paradiso*. Esta é a lembrança que devem ter todos os reis, e a que eu quisera lhes persuadissem os que são ouvidos de mais perto. Que se lembrem não só de levar os ladrões ao Paraíso, senão de os levar consigo: *Mecum*. Nem os reis podem ir ao paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno sem levar consigo os reis. Isto é o que hei de pregar. Ave Maria.

Trecho 2

Levarem os reis consigo ao Paraíso ladrões não só não é companhia indecente, mas ação tão gloriosa e verdadeiramente real, que com ela coroou e provou o mesmo Cristo a verdade do seu reinado, tanto que admitiu na cruz o título de rei. Mas o que vemos praticar em todos os reinos do mundo é tanto pelo contrário que, em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao Paraíso, os ladrões são os que levam consigo os reis ao inferno.

Trecho 3

Suponho finalmente que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria, ou escusa, ou alivia o seu pecado, como diz Salomão: *Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animam*. O ladrão que furta para comer, não vai, nem leva ao inferno; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões, de maior calibre e de mais alta esfera, os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento, distingue muito bem S. Basílio Magno: *Non est intelligendum fures esse solum bursarum incisores, vel latrocinantes in balneis; sed et qui duces legionum statuti, vel qui commissio sibi regimine civitatum, aut gentium, hoc quidem furtim tollunt, hoc vero vi et publice exigunt*: Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. — Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam. Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: — Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos. — Ditosa Grécia, que tinha tal pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas! Quantas vezes se viu Roma ir a enforcar um ladrão, por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um cônsul, ou ditador, por ter roubado uma província. E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes? De um, chamado Seronato, disse com discreta contraposição Sidônio Apolinar: *Nou cessat simul furta, vel punire, vel facere*: Seronato está sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer. — Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo, para roubar ele só.

Trecho 4

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. — Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? — Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Soneto VII

Cláudio Manuel da Costa

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Leia a posteridade, ó pátrio Rio

Cláudio Manoel da Costa

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado,
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

Canção Peregrina

Graça Graúna

I

Eu canto a dor
desde o exílio
tecendo um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias

II

Em cada parto
e canção de partida,
à Mãe Terra, peço refúgio
ao Irmão Sol, mais energia
e à Irmã Lua peço licença poética
para esquentar tambores
e tecer um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.

III

As pedras do meu colar
são história e memória
são fluxos de espírito
de montanhas e riachos
de lagos e cordilheiras
de irmãos e irmãs
nos desertos da cidade
ou no seio da floresta.

IV

São as contas do meu colar

e as cores dos meus guias:
amarela
vermelha
branco
negro
de Norte a Sul
de Leste a Oeste
de Ameríndia ou de LatinoAmérica
povos excluídos.

V

Eu tenho um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.
Se não me reconhecem, paciência.
Haveremos de continuar gritando
a angústia acumulada
há mais de 500 anos.

VI

E se nos largarem ao vento?
Eu não temerei,
não temeremos,
pois Antes do exílio
nosso irmão Vento
conduz nossas asas
ao círculo sagrado
onde o amálgama do saber
de velhos e crianças

faz eco nos sonhos
dos excluídos.

VII

Eu tenho um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.

Ogum à Beira-Mar
Jeferson Tenório

Quando o seu Otavio me chamou na sua sala, eu não poderia imaginar uma coisa daquelas. Nunca imaginei que ele quisesse conhecer minha mãe. E, que eu me lembre, nunca havia dito a ninguém daquele escritório que eu era de religião, dizer um negócio desses num escritório em pleno bairro Moinhos de Ventos seria quase um crime, era praticamente evocar o demônio para eles. Seu Otavio estava doente. Primeiro, ele achou que estivesse com algum tipo de câncer, sentia dores nas pernas, um cansaço imenso e tonturas. Fez inúmeros exames e nada foi encontrado. Em seguida, começou a perder peso rapidamente. Seu Otavio sempre foi homem saudável. Era casado, tinha três filhos, todos loirinhos como ele. Mas agora, nos últimos meses, tinha definhado. A gente no escritório chegou a pensar que fosse algum tipo de doença terminal. Quando entrei na sala, ele estava sentado, com o rosto abatido. Me olhou com humildade. Eu juro que nunca tinha visto seu Otavio olhar com humildade para alguém, pois em nada se parecia com o jeito altivo e arrogante de ser. E talvez isso aconteça porque a doença nos impede de sermos quem somos. Seu Otavio em nada lembrava o dia em que fui entrevistado por ele, para vaga de emprego. O dia em que ele olhou para mim e disse que não gostava de negros. Disse sem nenhuma cerimônia ou qualquer constrangimento. Depois justificou dizendo que todas as vezes em que havia sido assaltado, sempre eram assaltantes negros, e tu pode olhar aí nas prisões quem é que tá lá, a maioria é preto, ele disse, não sou preconceituoso, para mim não interessa se a pessoa é preta ou branca. Estou sendo sincero, guri. Mas não é coincidência que sempre tenha sido assaltado por negros. Seu Otavio ficou esperando que eu dissesse algo. Mas eu não disse. E talvez por isso ele tenha me contratado. Lembro que naquele mesmo dia cheguei em casa e perguntei à minha mãe se eu deveria aceitar um emprego de office boy num lugar cujo chefe não gostava de negros. Minha mãe me olhou com cordura e tristeza e disse que aqui no Sul há poucas pessoas que gostam de negros, meu filho, mas elas não dizem. Escondem o racismo dentro de si. Esse pelo menos foi sincero. E enquanto secava as mãos no pano de prato, disse que aquele escritório não era o melhor lugar para eu trabalhar, mas era o que tínhamos no momento. Tenho certeza de que a índole e tua postura vão mudar a opinião desse sujeito sobre os negros. Depois, me olhando nos olhos, disse: Às vezes, as pessoas só precisam de tempo para serem educadas e se redimirem. Um ano após a entrevista, eu estava sentado na frente do seu Otavio e ele me pedia o endereço da minha mãe. Na época eu havia completado 23 anos, tinha entrado na faculdade de Letras recentemente. Ele começou dizendo que alguém ali do escritório havia dito que a minha mãe era mãe de Santo. Não neguei, embora não soubesse onde ele queria chegar com aquela conversa. Otavio levantou da cadeira e disse para me aproximar dele. Fomos até a janela e em tom de reserva disse: Escuta, rapaz, preciso que tu me leve na casa da tua mãe, mas queria que isso ficasse só entre nós. Não gostaria que as pessoas soubessem disso, principalmente meus funcionários. Procurei não demonstrar surpresa e disse apenas: Pode ficar tranquilo, seu Otavio. Quando o senhor gostaria de ir?, perguntei. Amanhã, se possível, ele disse. Depois, voltou a sentar porque parecia cansado. Respondi que ia marcar com minha mãe e, logo que ela tivesse horário, eu o avisaria. Então, assim como ele havia me pedido, mantive em segredo a sua ida à casa de minha mãe. No dia seguinte, saímos do escritório por volta das quatro e meia da tarde. Otavio estava quieto, pensativo. Parecia

sofrer. Enquanto o seu motorista dirigia, Otavio perguntou, sem me olhar, se sempre acreditei nessas coisas. Que coisas?, perguntei. Nessas coisas de orixás. Conversar com seu Otavio era sempre um campo minado. Ele sempre fazia perguntas como se estivesse nos testando. Respondi que nasci praticamente dentro de um terreiro. Que para mim “as coisas” eram muito naturais. Fiz uma breve pausa, esperei que ele dissesse alguma coisa. Mas ele permaneceu em silêncio, esperava talvez que eu falasse mais. Então prossegui dizendo que minha fé havia sido abalada quando entrei na faculdade e comecei a ler literatura. Comecei a estudar os mitos. Então, certa vez, cheguei a pensar que tudo não passava de ficção. Porque agora eu era um acadêmico, um estudante de Letras e comecei a duvidar dos poderes dos orixás. O contato com os livros me fez acreditar que talvez as crenças todas não passassem de ficção. E o que te fez mudar de ideia?, ele perguntou, rompendo o próprio silêncio. A vida, respondi. Eu ia continuar, mas estávamos chegando na casa de minha mãe. Quando o carro estacionou, ela já estava na frente do portão. Descemos. Apresentei-os. Ela nos cumprimentou e mandou que entrássemos. Otavio estava incomodado. Era visível que não queria estar ali. Depois foram até uma salinha onde minha mãe costumava jogar cartas. Sentaram-se um de frente para outro. O que traz o senhor aqui é uma doença, disse minha mãe, sem meias palavras. Otavio não se espantou com a afirmação. Pois para ele era visível que estivesse doente, além disso, eu poderia ter dito isso a ela. O senhor quer saber se vai ficar bom, não é? Sim, ele respondeu, ainda desconfiado. A senhora pode me dizer o que eu tenho?, continuou ele, os médicos já me reviraram de cima a baixo e não encontraram nada, mas sinto dores aqui dentro, disse apontando para o próprio peito, além de me sentir muito cansado, às vezes acho que estou para morrer. Minha mãe olhou para as cartas, depois olhou para ele e disse com delicadeza e firmeza que ele não se preocupasse que a doença não era grave, e ele não ia morrer agora, que ficasse mais tranquilo. Mas o senhor precisa fazer trabalhos pro seu Santo. Santo?, perguntou. Sim, o senhor é filho de Ogum. Ogum Beira-mar. Não entendo, ele disse, pois nunca frequentei Casa de Santo. Como posso ser filho de um santo? Minha mãe seguiu com paciência e disse que a gente não escolhe orixás, são eles que tomam nossa cabeça. O que tenho de fazer?, ele perguntou, demonstrando impaciência. Minha mãe embaralhou novamente as cartas, tirou três, colocou-as de volta na mesa como se estivesse analisando uma por uma e disse: O senhor precisa dar uma oferenda pro seu santo na encruzilhada e outra na praia. Depois disse também quanto iria custar para fazer os trabalhos. Otavio arqueou a sobrancelha e perguntou: A senhora está me dizendo que terei de ir a uma encruzilhada? Sim, respondeu minha mãe com serenidade, é o senhor quem tem que pedir, isso eu não posso fazer pelo senhor. Otavio se incomodou ainda mais, respirou fundo: Senhora, entenda, eu sou diretor de um dos maiores escritórios de advocacia da América Latina, não posso ser visto fazendo um trabalho de macumba numa encruzilhada, a senhora entende. Eu tinha muito orgulho da paciência de minha mãe. Porque calmamente ela juntou as cartas embaralhou-as sem pressa e disse: Cada cabeça uma sentença. O senhor é quem sabe. Se era só isso, o jogo está terminado. Talvez Otavio poucas vezes tenha sido tratado assim. Ao sair da sala, perguntei se queria que eu voltasse com ele. Otavio disse que não. Que eu ficasse. Não me agradeceu, nem disse mais nada. Apenas entrou no carro e foi embora.

Não sabia se aquela ida à casa de minha mãe teria algum efeito no meu emprego. No dia seguinte, ao chegar no escritório, soube que Otavio não havia ido trabalhar. Disseram que ele não havia se sentido bem. No meio da tarde, quando estava na fila de um banco, Otavio ligou para o meu celular. Pediu para que eu fosse com urgência até sua casa, que mandava o motorista me buscar. Meia hora depois estava na grande sala de seu apartamento no bairro Higienópolis. Quando ele apareceu, eu estava admirando o tamanho da sala e das coisas que estavam nela. Seu Otavio sentou-se à minha frente. Parecia abatido e triste. Perguntou se eu queria tomar alguma coisa. Eu disse água. Em seguida, pediu para que eu dissesse mais sobre por que voltei a acreditar nos orixás. Ajeitei-me na cadeira. Tomei um gole da água. E disse que voltei a acreditar porque os orixás vivem numa condição que não pode ser explicada pela ficção. Os orixás são nossos mitos, mas não só. O senhor mesmo me disse que os médicos não sabem o que o senhor tem. Isso é uma prova de que nem tudo pode ser explicado pela ciência e pela razão. Otavio me olhou com tristeza e disse que faria o trabalho que minha mãe havia dito. Depois perguntou com humildade se eu podia dizer isso a ela. Eu disse que sim, que não tinha problema. Então, dias depois, combinamos o horário. Fui junto porque minha mãe havia me pedido. O carro do seu Otavio estacionou na frente da casa. Dessa vez ele não desceu. Minha mãe entrou com um galo vermelho que estava com as asas e patas amarradas. Otavio arregalou os olhos. Depois perguntou para que era aquele galo. Minha mãe com naturalidade disse que ia matá-lo na encruzilhada e derramar o sangue dentro da gamela, em cima da costelinha de carne. Vou colocar um pouco de mel para adoçar a sua vida. A senhora não havia me dito que ia matar um galo. Minha mãe ignorou o comentário de Otavio e disse: O senhor aproveite esse momento e vá fazendo seus pedidos durante a viagem. A partir de agora entramos num outro tempo, numa outra dimensão, que é a dimensão do sagrado. Respeite esse tempo. Otavio estava sentado no banco de trás comigo. Minha mãe sentou no banco da frente, junto com o motorista. A encruzilhada em que íamos ficava em Pinhal, uma das praias mais próximas de Porto Alegre. Depois, a certa altura, minha mãe disse: Vamos levar outra oferenda na praia. Vou limpar o senhor com os Axés, na frente do mar. O senhor precisa ser limpo. Otavio escutava agora como uma criança sendo educada. Passamos a metade do trajeto em silêncio. Otavio parecia bem com a viagem. Quando pegamos a BR 290, minha mãe disse que o galo precisava de água. Paramos num posto. Ela saiu para que o seu Otavio pegasse o galo. Ele me olhou, e eu disse que era para ele fazer o que ela havia dito. Ao sair do carro, Otavio enterrou o boné na cabeça e óculos escuros. Segurou o galo, com pouca destreza, foi então que o galo começou a cacarejar alto chamando a atenção das pessoas. Minha mãe foi até a lojinha e comprou uma garrafa de água. Colocou num pote e deu para o galo beber. As pessoas ao redor nos olhavam com curiosidade. Otavio passou o tempo todo de cabeça baixa. Voltamos para a estrada. Em outro momento, minha mãe olhou pelo espelho, e perguntou se conhecia a história de Ogum Beira-mar. Otavio resmungou que não. E parecia nem um pouco interessado em saber. Mesmo assim minha mãe seguiu dizendo que este orixá pertencia à falange de Ogum e, como vive perto do mar, tem uma ligação muito forte com Iemanjá. Contam que Ogum Beira-mar passou meses guerreando no mar e, ao regressar à terra, os habitantes estavam em completo silêncio. Indignado com isso, porque achou que estavam

zombando dele, Ogum matou todos aqueles que apareciam em sua frente, cortando-lhes a cabeça. Depois, ao chegar a uma aldeia vizinha, um ancião lhe disse que os habitantes haviam feito um voto de silêncio por alguns dias, para que ele regressasse em segurança. Ao descobrir isso, Ogum se envergonhou do que fez. Então, de frente para o mar, jurou sempre defender todos aqueles que sofrem com as injustiças e discriminações. Quando minha mãe terminou de contar, Otavio parecia mais incomodado e perguntou se ela achava aquela história bonita, se ela achava certo que um orixá saísse cortando a cabeça das pessoas, só porque não queriam falar com ele. Minha mãe parecia já esperar por um questionamento daqueles, então disse que os orixás nunca foram exemplos de virtudes divinas. Os orixás refletem o pior e o melhor de nós mesmos. Ao dizer isso, Otavio perdeu o interesse e voltou a olhar para a janela. Chegamos à noite. Fomos a uma encruzilhada. Minha mãe passou canjicas e velas no corpo de Otavio. Jogou pipocas sobre sua cabeça. Depois pediu para que ele se ajoelhasse na frente do alguidar enquanto eu segurava o galo. Então, minha mãe como uma faca sangrou o pescoço da ave e foi gotejando, dessa maneira, a oferenda com sangue. Otavio evitava o olhar. Depois, fomos até a praia. Minha mãe passou mais velas em torno do corpo de Otavio, pedindo saúde para ele. Em nenhum momento Otavio parecia relaxado, apenas queria que tudo aquilo acabasse logo. Após tudo terminado, voltamos para Porto Alegre, todos em silêncio. Depois daquele dia, Otavio não falou mais comigo sobre o assunto. Me fez prometer que nunca comentaria nada daquilo com alguém. O fato é que Otavio teve uma melhora súbita. O vigor e a energia voltaram. O desânimo e a tristeza desapareceram. Um mês depois, Otavio me chamou na sua sala. Disse que precisava me agradecer pela minha descrição e por ajudá-lo. Eu disse que estava feliz que tudo tinha melhorado e, antes de sair, virei para ele e perguntei: Seu Otavio o senhor ainda pensa que negros não prestam? Otavio levantou-se, depois me olhou como quem não lembrasse de algo e disse: Que é isso, rapaz! É claro que não penso mais isso. Olha, esqueça aquele dia em que lhe disse uma besteira daquelas. O senhor está se desculpando, seu Otavio?, perguntei. Ele me olhou com certa autoridade, como se estivesse lembrando que era meu chefe. E depois disse que sim, que aquilo era um pedido de desculpas. E tem mais, meu rapaz. A sua gente é muito importante para esse país. Diga isso a sua mãe. Pode deixar, seu Otavio. Eu darei o recado. Naquela mesma noite, enquanto jantava com minha mãe, ela perguntou se Otavio já havia se desculpado comigo. Dei uma garfada e disse que sim. Minha mãe não estava satisfeita e voltou a perguntar: Ele sabia que estava se desculpando, Pedro? Ele entendeu que estava te pedindo desculpas? Sim, mãe, ele entendeu. Minha mãe sorriu e disse apenas que as pessoas, às vezes, só precisam de mais algum tempo no mundo para serem educadas e se desculparem. Depois, mudamos de assunto e ela perguntou se eu queria mais feijão. Eu disse que sim. Sete dias depois, Otavio deu entrada na emergência do hospital, com os mesmos sintomas de antes, ficou internado por três dias e depois morreu.

Ogum

Em alguns mitos iorubás, Ogum é o primeiro orixá a vir habitar o Aiê, o mundo sensível. Pois Ogum é o asiwaju, “aquele que vai à frente e conduz os demais”. Tem também o título de alagbedé-

orun (“o ferreiro dos céus”), por ter introduzido em meio aos homens o uso do ferro e dos metais, tornando-se o patrono da tecnologia, das ferramentas da agricultura e da guerra. É o dono das estradas, abertas pelo aladá, sua grande espada. Assim como seus irmãos Exu e Oxóssi, é um dos orixás cultuados preferencialmente no mato. Ogum é impulsivo, mas também obstinado. Às vezes profundamente calmo, às vezes irascível. Solitário, mas também alegre e festeiro. A jura mais solene é aquela feita aos pés de Ogum. Gosta de se vestir com o mariwô, a folha do dendezeiro. Tem como cores mais comuns, o verde-bandeira e o azulão.